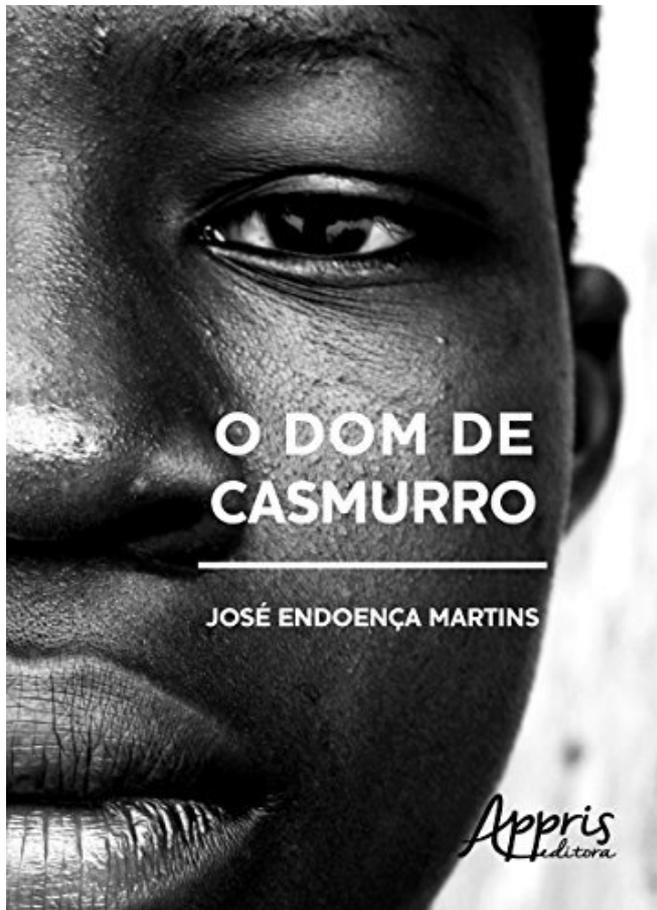


A poética *exusíaca* de *O dom de Casmurro*

Harion Custódio*



Exu, entidade do princípio e da transformação. Ele se multiplica, transmutando. Instauro o princípio da reciprocidade, da transformação e do movimento. Nem bom, nem mau: reúne em si todas as contradições do homem. Exu resolve conflitos, mas também pode provocar. Separa e une. Nas palavras de José Endoença Martins: “Exu é capaz de neutralizar polaridades e polarizações para ensejar fusões e combinações” (p. 12-13).

Nada melhor do que a imagem e a ideia de Exu para perceber o objeto desta resenha: *O dom de Casmurro*, romance escrito pelo referido autor e lançado em 2016. A dinamicidade da narrativa, o conjunto de leis que regem sua forma e sua estética constroem uma poética *exusíaca*¹. O enredo, aparentemente, é simples. Durante a era dos “anos de chumbo”, Casmurro, um dos

personagens centrais, após se envolver em uma confusão com um coronel, foge da perseguição de militares. Desesperado, encontra abrigo e hospitalidade na casa de quatro personagens: Bento, professor universitário negro; Eileen, uma jovem descendente de imigrantes alemães; Anamária, filha de imigrantes italianos; e Bertília, cuja ancestralidade reporta aos tempos de escravidão.

A essa altura o leitor já deve ter percebido alguns nomes familiares: trata-se de uma obra paródica, cujos personagens Capitu, Casmurro e Bento são transplantados, violentamente, das páginas machadianas de *Dom Casmurro*, transmutados em peles negras. Ademais, ocorre ainda um duplo movimento: tais personagens, com exceção de Casmurro, migraram, também, de outras narrativas ficcionais. O Bento afro-brasileiro salta de *Legbas, Exus e Jararacumbach Blues* (2012), já a negra Capitu nascera em *Enquanto isso em Dom Casmurro* (1993), ambos de autoria de Endoença Martins.

¹ O termo foi criado por Arnaldo Xavier, em texto inovador apresentado no I Encontro de Poetas e Ficcionalistas Negros Brasileiros e primeiramente publicado em *Criação crioula, nu elefante branco*, organizado por Miriam Alves, Cuti e o próprio Arnaldo Xavier. Com *exusíaco*, o ensaísta se refere a uma forma de linguagem transgressora – no sentido contrário aos paradigmas excludentes da literatura brasileira – e afeita aos modos de existir do negro brasileiro, em suas dimensões culturais e sócio-históricas. Para melhores detalhes, cf. DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, M. N. S. (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4, História, teoria, polêmica.

Não somente a tríade machadiana navegou de outros textos. Bertília é originária, também, de *Legbas, Exus e Jararacumbach Blues*. Eileen viaja do romance *Verde Vale* (1979), da escritora Urda Alice Klueger, enquanto Anamária sai dos poemas de Lindolfo Bell (*Anamárias*, 1979). Endoença, portanto, lança mão de recortes, empréstimos e intertextualidades para construir uma narrativa epistolar inovadora e polifônica, em que os pontos de vista e narração são intercalados por diferentes personagens, imprimindo uma aparência líquida e múltipla ao texto. Além disso, a referida ficção é marcada por uma auto-reflexividade em relação às suas potencialidades, insuficiências e aporias ao mesmo tempo em que, paradoxalmente,² contextualiza eventos históricos de forma crítica, como a época da ditadura militar, os movimentos de imigração de alemães e italianos durante conflitos e escassez de alimentos, e, mais importante, a escravidão.

Tais feitos literários podem permitir que a obra do escritor seja recebida como uma metaficção historiográfica,³ forte tendência entre os romancistas da contemporaneidade. Entretanto, a grandiosidade de *O dom de Casmurro* não se encerra somente nisso. Forma e conteúdo se unem, dramatizando, assim, o *ser negro* brasileiro – motivação que reside o núcleo do romance.

Casmurro, como num toque de magia, deixa as páginas do nosso Bruxo do Cosme Velho, metamorfoseia-se em negro e torna-se alvo de militares. Começa, então, com seu novo corpo, resistindo. Sob a proteção dos quatro personagens, passa a conhecer diferentes tipos de realidades e histórias: brancas e negras. É nesse ínterim que os espaços da ficção adquirem significado profundo e metafórico. *Jararacumbach*, local imaginário de ambiência da narrativa, que remonta ao município de Blumenau em Santa Catarina, região de nascimento do autor (o que, juntamente com a história de Bento como seminarista e professor universitário, aponta para traços de autoficção), representa o *lócus* de manifestação concomitante de conflitos e diferenças culturais e étnicas:

Marcada pela fusão de um termo alemão (*Bach*) a um elemento de ligação (*Um*), e os dois a uma palavra brasileira (*Jararaca*), explicitava, linguisticamente, a dualidade cultural da vida do migrante. Resultado: *Jararacumbach* se transformava – para mim e para outros – numa metáfora funcional para a comunicação entre as várias etnias, quando o limitado conhecimento da outra língua impedia o uso da expressão *Ribeirão das Jararacas*. (p. 109).

A narrativa se passa, então, em um ambiente de confluência cultural. Nesse espaço, o negro se encontra no centro. De um lado, há a imponente morada dos alemães, representada pela rua Seckendorf Strasse. De outro, a Strada Giuseppe Dalfovo, representando a comunidade dos italianos. No meio, a rua Felipa Xavier da Rocha, local de abrigo de seus habitantes afro-brasileiros. Apesar de adversidades, miséria, precariedade e subalternidade em relação aos imigrantes brancos, o *Jararacumbach*, para suas almas negras, é local de descoberta e (re)invenção: “[...] Minha iniciação poética foi a dura realidade da sobrevivência” (p. 47), Relata Bento sobre sua experiência no lugar de origem. Em seguida: “– A gente só sabe que é negro, e só entende o tipo de negro que é, quando a gente vive entre brancos”. (p. 49). E ainda:

² Refiro-me ao paradoxo entre verdade e ficção, intrínseco ao romance histórico.

³ Sobre o conceito, cf. HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Em casa, meu pai pedreiro e minha mãe lavadeira me haviam ensinado que, no *Jararacumbach*, a sobrevivência de um negro dependia do equilíbrio que conseguisse manter entre dois comportamentos: de um lado, ser negro demais; do outro, tornar-me negro suficiente. (p. 56-57).

O *ser negro* compreende, antes de tudo, um *descobrir-se negro*. Esse estado ontológico revela uma peculiaridade corporal, cultural, subjetiva e sócio-histórica, como também, conjuntamente, uma *performance*, isto é, uma *práxis* “diferente” em relação ao mundo, marcada por táticas e estratégias de sobrevivência e vivência, delineadas por uma projeção, um *vir a ser no mundo*. Nesse contexto, a interação, o diálogo e a partilha, elementos ficcionalizados pela prosa de Endoença, são propriedades compósitas da existência negra.

Ademais, cabe ressaltar que uma ontologia negra é marcada pela dimensão da “dupla consciência”,⁴ como nos disse Dubois, que se manifesta tanto objetiva quanto subjetivamente. Um sentimento de duplo pertencimento, (ou, talvez, de pertencimento e não-pertencimento). É por isso que Bento, ao recordar o passado em suas correspondências com Capitu (negra), afirma: “Infelizmente, cheguei ao seminário com a cor e o cabelo errados”. (p. 54). Preto entre brancos, o choque se dá justamente na tentativa de supressão de sua negritude por parte dos colegas e seminaristas: “[...] me deixaram praticamente careca. Adeus, pixaim amigo”. (p. 54); “[...] o seráfico mestre, que também detinha a posição de Padre-Prefeito, despejou uma lata de talco branco sobre a minha careca negra”. (p. 55).

Percebendo os grandiosos muros, aparentemente inexoráveis, que se erguiam em torno de si e seus semelhantes, o personagem proveniente das páginas de *Dom Casmurro*, percebe a necessidade de adotar estratégias e improvisos como forma de resistência. Aprofunda-se nos estudos como nenhum outro aluno, destaca-se e funda, juntamente com outros amigos afro-brasileiros, um grupo de poesia. Porém, a “dupla consciência” e o “véu” da discriminação serão forças perenes em sua vida. Por isso uma aluna questiona sua capacidade como professor universitário de literatura; ou daí o motivo do conselho de professores o impedir de pleitear uma vaga para a chefia do departamento de letras; e, entre o grupo de dissidentes da ditadura militar, seu corpo negro e do amigo errante *Casmurro* serem os mais visados e seus espaços mais violados.

A dualidade, o deslocamento, a transformação, a troca e a partilha, portanto, compõem a imanência da obra, de uma maneira, permitam-me a expressão, *exusíaca*. O personagem que mais representa essa essência móvel do negro (entre outras várias) é Casmurro (não é à toa que ele sempre se metamorfoseia ao transitar entre as casas dos personagens), o principal alvo dos militares. Como já dito, no intuito de protegê-lo da força de repressão, ele é hospedado de maneira alternada nas casas de quatro personagens: Bento, Eileen, Anamária e Bertília. Com o primeiro, ambos discutem sobre aspectos literários. Eileen, imigrante alemã, o ensina aspectos de sua cultura representada pela *Blumenalva*, mesclada, porém, com características brasileiras. A italiana, Anamária, em movimento igual, o leva a conhecer sobre as tradições da comunidade itálica. A principal troca acontece entre Bertília, descendente de indivíduos ex-escravizados e agentes da cultura afro-brasileira, que o introduz a alguns princípios do candomblé e da vivência negra no *Jararacumbach*. Esse compartilhamento, vale dizer, não se encerra somente no

⁴ Sobre o conceito, conferir a obra de W. E. B. Du Bois, *As almas da gente negra*, primeiramente publicada em 1903.

campo eufórico, como também na esfera disfórica do sofrimento e da perda caracterizada pela imigração forçada, exílio e escravidão.

Casmurro, representa, destarte, uma metáfora do negro em diáspora. A adaptação, a transfiguração e a interculturalidade, são, além de produtos da interação entre diferentes povos e espaços, uma forma de sobrevivência, preservação e resistência:

Ou o escravo significava ou desaparecia, linguisticamente, culturalmente, literariamente. Para o escravo, para o negro e, depois, para o escritor negro, significar sempre implicou a aplicação de quatro estratégias de reescritura diante da hegemonia branca, na cultura, na língua e na literatura: imitação, repetição, revisão e diferença. Primeiro, em relação à estética branca, para edificar uma estética negra. Depois, no seio da estética negra, para expandi-la. (p. 264-265).

Sobrevivência, portanto, que não gera somente sobrevida, como também novas práticas políticas e culturais de socialização, transformação do espaço e de si, e, sobretudo, artísticas. O movimento do *ser negro* diaspórico é, acima de tudo, uma forma de romper barreiras e cerceamentos, projetando-se a um futuro redentor. Uma das imagens finais do romance é sintomática nesse sentido: Os exilados, brancos e negros, celebram uma espécie de união, multifacetada, democrática, sem, contudo, supressão ou apagamento das múltiplas diferenças.

Exusíaco, *O Dom de Casmurro* possui diversas dimensões a serem apreciadas e estudadas. Contudo, caro leitor, o *drama móvel do negro* é matéria de grande relevância na narrativa de José Endoença Martins, algo que, possivelmente, ele deseja nos comunicar. Uma “mensagem” antiga, que é visível na realidade e que ecoa ainda nos dias de hoje, em direção a um eterno *devoir*.

Belo Horizonte
20 de março de 2017

Referências

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARTINS, José Endoença. *O dom de Casmurro*. Curitiba: Appris, 2016.

XAVIER, Arnaldo. Dha lamba à quizila: a busca de uma expressão literária negra. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, v. 4, História, teoria, polêmica.

* Harion Custódio é graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade desta Instituição.